

BC detecta sobra de US\$ 2,3 bilhões no mês passado

De Brasília

Após dois meses de escassez, voltou a sobrar dólar no mercado primário de câmbio em julho. O superávit cambial, que não bastou para evitar nova desvalorização do real, chegou a US\$ 2,3 bilhões, o mais alto desde novembro. Parte da sobra foi gerada pelo ingresso líquido de investimentos diretos e também em ações, especialmente as negociadas via bolsa de Nova Iorque. Apesar de expressivos, esses investimentos não evitaram que o balanço de pagamentos do país — que inclui a conta de transações correntes — fechasse o mês com déficit, de US\$ 1,938 bilhão.

Os números foram divulgados ontem pelo Banco Central, segundo quem os números preliminares de agosto também indicam superávit cambial, até agora de US\$ 1,1 bilhão. Em julho, o movimento de câmbio primário (operações entre bancos e clientes) vinculado ao comércio exterior respondeu pela maior parcela do superávit (US\$ 1,75 bilhão). No segmento financeiro — onde se inclui a troca de moeda referente ao ingresso de capitais estrangeiros — a sobra foi de US\$ 937 milhões e, no tradicionalmente deficitário segmento fluante (do dólar turismo), houve déficit de US\$ 384 milhões.

Embora reflitam o câmbio liquidado e não contratado no mês, os números fornecidos ontem sobre a conta de capitais indicam que os investimentos estrangeiros ajudaram no superávit cambial. Liquidamente, os investimentos diretos

chegaram a US\$ 2,49 bilhões. Os investimentos estrangeiros em ações brasileiras via bolsas dos Estados Unidos (ADR) foram responsáveis por entradas de US\$ 797 milhões no mês. Enquanto isso, o fluxo de investimentos estrangeiros via Bovespa foi negativo em US\$ 110 milhões. As captações via títulos de renda fixa (como bônus e commercial papers) também foi negativa, indicando amortizações maiores do que novos créditos.

Incluindo empréstimos contratuais, só a dívida externa de médio e longo prazos gerou amortizações de US\$ 2,789 bilhões. Como boa parte disto refere-se à dívida pública (cerca de US\$ 800 milhões) muitos desse pagamentos não transitaram pelo mercado de câmbio. Mas afetaram negativamente o balanço de pagamentos. A venda de US\$ 965 milhões das reservas cambiais do BC ao mercado de câmbio também afetou o resultado do balanço, disse Altamir Lopes, chefe do Departamento Econômico do BC. Mesmo com sobra no mercado primário, os bancos demandaram divisas ao BC, em parte para fazer remessas via CC5 (consideradas transações interbancárias) e também para suas próprias carteiras, o que impacta negativamente no balanço de pagamentos. Além disso, a conta de erros e omissões, que reflete os ajustes feitos em função da defasagem de tempo entre contratação e liquidação de operações, foi grande em julho (mais de US\$ 2 bilhões). (M.L.)